

Análise lexicológica dos itens lexicais 'manicômio' e 'hospital psiquiátrico': um estudo comparado do léxico da língua portuguesa sob o ponto de vista sócio-histórico*

Lexicological analysis of lexical items 'manicômio' and 'hospital psiquiátrico':
a comparative study of the lexicon of Portuguese language
on a socio-historic perspective

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial2.25138>

Eduardo Lacerda Faria Rocha

Doutorando em Linguística Teórica e Descritiva do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

E-mail: lacerda.edu@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0054-1793>

Maíra Borges Laranjeira

Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais.

E-mail: borgeslaranjeira@gmail.com

*Estudo realizado a partir do conteúdo da disciplina de Lexicologia Sócio-Histórica, ministrada pelo Prof. Dr. César Nardelli Cambraia, a quem agradecemos pela oportunidade.

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo do emprego dos itens lexicais *manicômio* e *hospital psiquiátrico* nas décadas de 1930 e 2000, sob o ponto de vista sócio-histórico do léxico da língua portuguesa. Através da análise do *corpus* composto pelo acervo do extinto Jornal do Brasil, disponível na *Hemeroteca Digital* na Internet, propomos uma investigação dos fatores sociais e históricos que possam ter influenciado na escolha lexical desses dois termos ao longo dos anos. Após a análise de 200 ocorrências dos itens, 100 de cada sincronia, foram coletadas as 25 palavras mais frequentes associadas a cada um dos quatro grupos analisados (*manicômio* e *hospital psiquiátrico*, nas décadas de 1930 e 2000). Assim, poderíamos supor as motivações para o uso dos termos em questão. O item lexical *manicômio* se mostrou, ao final do estudo, mais associado a situações trágicas e socialmente reprovadas, com predominância na década anterior, ao passo que *hospital psiquiátrico* passou a ser utilizado posteriormente, acompanhado de uma maior sensibilidade social quanto à questão da saúde mental e questões como dependência de drogas e ambientes sanitários.

Palavras-chave: Léxico. Lexicologia. Sócio-histórico. Manicômio. Hospital psiquiátrico.

ABSTRACT

This article presents a study of the use of two lexical items, *manicômio* and *hospital psiquiátrico*, in the 1930's and 2000's under the socio-historic perspective of the lexicon of the Portuguese language. Through the analysis of the *corpus* composed by the database of the extinct Jornal do Brasil (a national newspaper), available online at *Hemeroteca Digital*, we propose an investigation of the social and historical factors that could have influenced the choices of these two items throughout the years. After the analysis of 200 occurrences of the items, 100 from each synchrony, we collected the 25 most frequent words associated with each of the four analyzed groups (*manicômio* and *hospital psiquiátrico*, in the decades of 1930 and 2000). So, we could presume the motivations for the use of such items. In the end of the study, the lexical item *manicômio* showed to be more associated with tragical and socially reprovved situations, with predominance in the previous decade, whereas *hospital psiquiátrico* is

more frequent only decades later, accompanied by a social sensibility to the matter of mental health and issues such as drug addiction and health facilities.

Keywords: Lexicon. Lexicology. Socio-Historic. Manicômio. Hospital psiquiátrico.

Introdução

Com este breve estudo, propomos uma análise acerca do emprego dos itens lexicais *manicômio* e *hospital psiquiátrico*, sob o ponto de vista sócio-histórico do léxico da língua portuguesa. Nosso principal objetivo é verificar o uso do par de palavras em dois períodos distintos e investigar a influência de fatores sociais e históricos na escolha lexical dos termos, considerados semelhantes para designar o mesmo objeto.

A fundamentação teórica se concentra nos conceitos de lexicologia social de Matoré (1949) e Cambraia (2013), na abordagem do conceito e definição de *palavra* por Biderman (1999), e em questões sobre o neologismo (referente à escolha lexical e surgimento de novos termos) de Alves (1990).

Como *corpus*, utilizamos o acervo do extinto Jornal do Brasil, disponível *online* na *Hemeroteca Digital*. Destinado à sociedade em geral, as notícias contidas no periódico podem refletir o léxico em uso pelos falantes do português no Brasil, bem como suas relações em determinados contextos sociais e cotidianos.

Após a verificação do número absoluto e relativo de ocorrências de *manicômio* e *hospital psiquiátrico*, a coleta de dados se concentrou no agrupamento de 100 ocorrências de cada um dos termos analisados (200, no total) compreendidas em duas sincronias (décadas de 1930 e 2000). Os textos que continham as ocorrências foram analisados pela ferramenta linguística *AntConc*, de modo a listar as 25 palavras mais frequentes em cada um dos quatro grupos analisados (*manicômio* e *hospital psiquiátrico*, nas décadas de 1930 e 2000). Dessa forma, seria possível observar se, ao longo da história, a predileção por um dos termos se alterou e a qual contexto ou itens lexicais se associam cada um dos termos em cada época.

Demonstrados os dados coletados, passamos à análise lexical sócio-histórica dos termos, abordando brevemente as discussões sobre o conceito de loucura que nos elucidam a questão social envolvida no emprego de cada um dos dois itens lexicais. Por fim, comparamos a associação dos termos às palavras mais frequentes encontradas nos textos, na tentativa de corroborar com evidências a predominância de um termo sobre o outro ao longo de sete décadas e demonstrar possíveis reflexos da visão da sociedade sobre o assunto e os contextos em que se inserem os dois itens lexicais.

1. Fundamentação teórica

Nesta seção, apresentamos o aporte teórico no qual embasamos nosso breve estudo acerca do sistema lexical do português brasileiro. Ao utilizar teorias linguísticas para explicar e classificar os fenômenos a serem analisados mais adiante, endossamos os resultados de modo a contribuir cientificamente com os demais estudos de Lexicologia no âmbito da Linguística.

Para isso, tomaremos como base a visão de Matoré e Cambraia, em seus respectivos artigos intitulados *A lexicologia social*¹ (1949) e *Da lexicologia social a uma lexicologia sócio-histórica: caminhos possíveis* (2013), no que compete à sustentação dos aspectos sócio-históricos considerados em nossa análise. Ademais, apresentamos as discussões a respeito do conceito de “palavra” definido por Biderman (1999), já que o objeto analisado são itens lexicais da língua que costumam ser confundidos com o vocábulo anterior. Por fim, utilizamos os conceitos de Alves (1990) sobre ocorrência de neologismo para classificar a adoção de um novo termo (*hospital psiquiátrico*), cuja designação fora outrora desempenhada por outra forma lexical (*manicômio*).

1.1 A lexicologia social de Matoré (1949)

Georges Matoré (1908, 1998) certamente contribuiu para que o termo *lexicologia social* ganhasse a devida importância no campo da linguística, apesar de não sabermos com exatidão se a expressão já era usada anteriormente nos estudos linguísticos. O artigo “*La lexicologie sociale*”, publicado no periódico *L’Information Littéraire* em 1949, embora tenha recebido muitas críticas dos catedráticos contemporâneos, fez com que emergissem importantes discussões, entre elas sobre o caráter social da língua. Divergia-se, na década de 1940, sobre a delimitação do objeto de estudo da linguística, o qual deveria ser essencialmente a língua internalizada no indivíduo, deixando de lado aspectos sociais. Uma das críticas feitas na época era a de que estudar a dinâmica social da língua deveria ser delegada à sociologia, e não à linguística propriamente.

A lexicologia social de Matoré (1949) procura definir limites claros em defesa do estabelecimento da lexicologia como ciência e fundamenta-se em uma série de princípios. O primeiro rejeita a ideia de distinção e independência entre significante e significado, que outrora teria sido defendida por Saussure, e, por outro lado, declara que há uma relação de dependência entre forma e conceito. Essa indissociabilidade é argumentada retomando propostas da filosofia fenomenológica de Merleau-Ponty

¹ Tradução do título original em francês, *La lexicologie sociale* (1949)

e a psicologia de Piaget. Para Matoré² (1973, p. 42-43 *apud* CAMBRAIA, 2013, p. 161), a criação de uma palavra equivale à formação de um conceito, e não apenas a criação de um vocábulo que designe as coisas mundanas:

Na realidade, as palavras não exprimem as coisas, mas a consciência que os homens têm delas. Para a lexicologia, os fatos sociais têm, com efeito, o aspecto de *coisas*, mas das coisas vistas, sentidas, compreendidas pelos homens; nossa disciplina deverá então visar às realidades sociológicas das quais o vocabulário é a “tradução”, ao mesmo tempo objetivamente, como realidades independentes do indivíduo, e subjetivamente, em função dos seres que vivem em um meio concreto, em certas condições sociais, econômicas, estéticas, etc. (MATORÉ, 1973, p. 42-43)

Esse processo, inicialmente individual, é seguido pela socialização que coletiviza, por meio da palavra, o conceito formado. Por meio das palavras, é possível traçar a história de uma sociedade.

A lexicologia de Matoré (1973, *apud* CAMBRAIA, 2013, p. 161) possui um caráter essencialmente social. Sendo as palavras “o reflexo de um estado da sociedade”, é natural que se busque no vocabulário os meios para compreensão da sociedade. A lexicologia tem por objeto, como a sociologia, o estudo dos fatos sociais. Porém, fazendo o caminho inverso da sociologia, a lexicologia parte do estudo do vocabulário para elucidar fenômenos sociológicos. Para Cambraia (2013), Matoré interpreta a organização do vocabulário a partir de uma concepção estruturalista, admitindo que as palavras existam na consciência em relações recíprocas (uma visão sistêmica de vocabulário): “a palavra não está isolada na consciência: ela estabelece com suas vizinhas, no contexto, relações *sintagmáticas*” (p. 21, grifo do original) e “independentemente do contexto, a palavra está ligada na consciência a outras palavras a que se assemelham, seja pela forma, seja pelo sentido: estas são as relações *associativas*” (p. 21, grifo do original).

Apesar da visão sistêmica sobre o vocabulário, o autor diverge do estruturalismo devido ao fator social, que tem papel determinante na construção do léxico. Matoré também defende ser impossível abstrair da palavra o fator tempo; moderando a oposição entre sincronia e diacronia proposta por Saussure.

A partir dos pressupostos teóricos mencionados acima, o autor apresenta procedimentos para a realização de estudos de lexicologia social. Primeiramente devem-se estabelecer recortes temporais (período de 30 a 36 anos), que devem ser fixados com base em datas importantes na história do léxico

² MATORÉ, G. La méthode en lexicologie, 1973. In: CAMBRAIA, C. N. Da lexicologia social a uma lexicologia sócio-histórica: caminhos possíveis. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 157-188, jan.-jun. 2013.

e da sociedade. Após o estabelecimento dos recortes temporais, deverão ser identificados campos nocionais em cada faixa de tempo, que por sua vez são formados de palavras-testemunho. As palavras-testemunho podem ser consideradas como neologismos, símbolos ou a materialização de uma mudança social e econômica.

Para limitar a quantidade de palavras-testemunho, os campos nocionais devem ser representados por palavras-chave, segundo Cambraia (2013, p. 163), “uma noção de caráter social que expressa de maneira sintética a época estudada”. As palavras-chave são divididas em principais e secundárias e se relacionam hierarquicamente.

Matoré buscava consolidar o termo lexicologia em oposição à lexicografia. Em seu tempo, a lexicologia ainda era uma ciência pouco conhecida, muitas vezes confundida com lexicografia, restringindo seu objeto à confecção de dicionários. Seguindo as considerações expressas anteriormente por Cambraia e Matoré, nosso estudo se realiza levando em conta os aspectos sociais e históricos que permeiam determinada escolha lexical, em uma dada sociedade (no nosso caso, mais precisamente, inserida na cidade do Rio de Janeiro) e em uma faixa cronológica definida (aqui, nas décadas de 1930 e 2000).

1.2 O conceito de palavra

Um dos estudos seminais de lexicologia no Brasil é o de Maria Tereza Camargo Biderman. Em seu artigo *Conceito Linguístico de Palavra*, Biderman (1999) busca definir normas básicas para os estudos lexicológicos, como, por exemplo, definir o que deve ou não ser considerado uma palavra. Para isso, a autora afirma que o conceito de palavra não pode ser universal, sendo assim, deve ser definido língua a língua de forma particular. Os critérios a serem utilizados para a delimitação de uma palavra são de ordem fonológica, morfossintática e semântica. “Numa primeira abordagem, podemos considerar a palavra como uma sequência fonológica que recorre sempre com o mesmo significado.”³ Mas em sequências como [asuvakaía], não só o acento contribui para o entendimento fônico, como também outros níveis de interpretação agem para que aja a separação adequada e o reconhecimento das unidades léxicas, neste caso o morfossintático. Desta forma, há dois critérios atuando simultaneamente: a função gramatical reconhecida em seus elementos mórficos e a função exercida na frase pela palavra. Assim, sobrepõe o nível formal e o nível funcional. O terceiro critério, semântico, é decisivo na identificação de uma palavra, para Ullmann “se existem unidades gramaticais significantes menores do que a palavra, elas não têm significação autônoma.” Sendo assim, o autor

³ Cf. BIDERMAN, 1999, p. 83.

define palavra como “a unidade semântica mínima do discurso” (1952, *apud* BIDERMAN, 1999, p. 87).

Considerando o sistema abstrato da língua, há dois módulos componentes: o léxico e a gramática. Tem-se a gramática como elemento efêmero da língua, ao passo que a palavra se constitui como elemento permanente. Um dos problemas cruciais da lexicologia é definir os fatores para identificação de uma unidade léxica, bem como sua definição. Apesar dos termos *palavra* e *vocábulo* serem tradicionalmente utilizados, há a necessidade de se evitar equívocos para se fazer uma abordagem científica da língua.

O primeiro passo para se estabelecer conceitos como léxico, *lexia* e *lexema* é definir “quais são os fatores a serem considerados para determinar quando estamos diante de uma unidade léxica e como ela se configura e define” (BIDERMAN, 1999, p. 88). A autora aceita os termos *vocábulo* e *palavra* para designar realizações discursivas, mas sugere ser necessário fazer a diferenciação entre conceitos que nos remetem à palavra. Ela, também, utiliza o termo *lexema* para unidades virtuais que compõem o léxico e chama de *lema* sua representação canônica dicionarizada. A partir disso, o léxico é denominado como

o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua; vocabulário é o conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades (...). A unidade denominativa para um conjunto de formas flexionadas, que compõem um paradigma, será denominada *lexema/lema*. *Lema* é também a entrada canônica nos dicionários. (BIDERMAN, 1999, p. 88)

Já as manifestações discursivas dos *lexemas* devem ser referidas utilizando o termo técnico *lexia*. As *lexias* se dividem em duas categorias: as *lexias simples*, graficamente constituídas de uma sequência gráfica separada por dois espaços em branco (*cesta, guarda, dona, mãe*) e *lexias complexas*, formadas por várias unidades separadas por espaços e não ligadas por hífen (*cesta básica, dona de casa*). E chamaremos de *lexias compostas* aquelas que são ligadas por hífen (*guarda-roupa, mãe-de-santo*). Biderman propõe ainda outra divisão lexical:

Há uma outra questão relevante em relação à configuração teórica do léxico. No léxico português podemos distinguir duas classes de *lexemas*: 1) as formas livres e 2) as formas dependentes, como os clíticos e os vocábulos instrumentais. As formas livres no português são geralmente substantivos, adjetivos e verbos. As formas dependentes são, de fato, vocábulos-morfema. As preposições, os pronomes pessoais, os artigos, as conjunções, etc, nada mais são que palavras instrumentais que articulam o discurso, sendo desprovidas de significação externa. (BIDERMAN, 1999, p. 88)

Palavras como clíticos e outros pronomes, artigos, substantivos, adjetivos, verbos e advérbios são chamadas de *lexias simples*. Geralmente são palavras que não provocam impasse, pois graficamente

coincidem com uma sequência gráfica que não se pode decompor. No entanto, na realização discursiva as fronteiras entre palavras podem não ser muito claras, como é o caso de “*em vão* procuramos por Carlos” (a expressão *em vão* não pode ser separada) e “Carlos *bateu as botas*” (*bateu as botas* forma um único significado, como em um bloco). Estas expressões devem ser consideradas como unidades léxicas, e são denominadas lexias complexas.

Biderman (1999) sugere dois testes para a determinação de uma unidade léxica. No primeiro, o teste da substituição, deve-se tentar substituir um dos vocábulos por sinônimos. Em *bater as botas*, substituir o vocábulo *botas* por *sapatos* não gera um resultado satisfatório semanticamente, portanto *bater as botas* deve ser tratado como uma palavra lexicalizada no nível de sistema lexical.

O segundo teste, o da inserção, consiste em inserir um modificador entre dois vocábulos para testar o grau de solidificação em que se encontra a lexia no sistema. Por exemplo, ao inserir o adjetivo *bonita* em *capa de chuva*, não diremos *capa bonita de chuva*, e sim *capa de chuva bonita*. O vocábulo não comporta um modificador em seu núcleo. Em lexias complexas já lexicalizadas como *de cor*, *de soslaio* e *em vão*, notamos ser inviável o acréscimo de um artigo; e a expressão *à medida que* não aceita a preposição *em* na sua composição. Esse teste se faz necessário para um linguista, pois, especialmente na língua portuguesa do Brasil, recorrer a um dicionário para sanar dúvidas a respeito de lexias simples ou complexas, não é uma boa alternativa. A tradicional lexicografia brasileira tende a ser ambígua e duvidosa na identificação dos lemas nos dicionários, o que torna necessário, ao linguista, fazer sua própria avaliação a respeito de uma lexia com base em critérios científicos.

A primeira questão a ser considerada é: qual seria a terminologia correta para nomearmos essas unidades, como fraseologias, fraseolexemas, expressões cristalizadas ou expressões idiomáticas. A segunda questão é ortográfica: Biderman (1999) propõe que lexias complexas deveriam ser grafadas com hífen como, por exemplo, *fim-de semana* e *jogo-do-bicho*. É interessante notar que após a última reforma ortográfica (em vigor desde 2009) algumas dessas expressões perderam o hífen.

A terceira questão seria quando considerar que estamos diante de uma base lexical autônoma ou apenas uma unidade subordinada à base que gerou essa lexia. Ótimos exemplo em português são palavras compostas pela base *mãe*: *mãe-de-santo* e *mãe-solteira*. Essas palavras deveriam ser consideradas como entradas independentes ou subentradas para o lema *mãe*, porém encontramos incoerências nos dicionários. No dicionário Aurélio, por exemplo, *mãe-solteira* é uma entrada subordinada à *mãe*, enquanto *mãe-de-santo* e outras são consideradas entradas independentes. Como nas realizações discursivas as fronteiras entre palavras podem ser difusas, a autora propõe que a frequência do uso pode nos mostrar caminhos para determinarmos se uma expressão já está cristalizada ou não na língua. Ou seja, por fim, deve-se levar em conta o universo extralinguístico e o comportamento dos falantes diante dos vocábulos; *cesta básica*, *código de barras* e *zona franca* certamente seriam consideradas lexias complexas pelos falantes.

Neste trabalho, analisaremos duas palavras: *manicômio* e *hospital psiquiátrico*. Consideraremos *manicômio* como uma lexia simples de forma livre (por se constituir apenas por um substantivo) e *hospital psiquiátrico* como uma lexia complexa constituída de duas formas livres: o substantivo *hospital* e o adjetivo *psiquiátrico*.

1.3 Sobre neologismos

O processo de criação lexical é denominado *neologia*, e o novo vocábulo do qual resulta esse processo é chamado de *neologismo*. Quando o neologismo é resultado de mecanismos provenientes da própria língua, é produto de um processo autóctone – no caso da língua portuguesa, por ser uma língua românica, normalmente amplia seu acervo lexical utilizando mecanismos originários do latim, como a derivação e a composição. Quando a nova palavra tem origem em outros sistemas linguísticos, trata-se de um empréstimo.

A língua portuguesa tem recebido, desde suas origens, influência de diversas culturas como a celta, fenícia, basca, árabe, africana e tupi, além de empréstimos culturais das sociedades provençal, francesa, espanhola e italiana. Desde o século XVIII, a influência francesa tem sido marcante nos neologismos do português brasileiro, o que desencadeou, na primeira metade do século XX, um movimento contrário ao emprego de galicismos por parte de jornalistas, gramáticos e escritores. A partir das últimas décadas do século XX até os dias de hoje, a língua inglesa passa a ser a principal influência para empréstimos em língua portuguesa, com termos técnicos e científicos. Ao contrário do que houve no século passado, parece haver pouca resistência à incorporação de neologismos de língua inglesa no português, especialmente no Brasil.

Ieda Maria Alves extraiu, de seis periódicos de ampla circulação nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia, além de cinco revistas informativas distribuídas em território nacional, conteúdo para exemplificar os mais diversos tipos de neologismos encontrados em língua portuguesa bem como sua formação. Os dados usados datam de meados da década de 70 até o final da década de 80.

Temos quatro categorias principais de neologismos: fonológicos, sintagmáticos, de conversão, e semânticos:

A neologia fonológica supõe a criação de um item léxico cujo significante seja totalmente inédito, isto é, tenha sido criado sem base em nenhuma palavra já existente. Um exemplo bastante citado de criação inédita, a unidade léxica *gás* tem sido interpretada como oriundo do grego *khaos*. (ALVES, 1990, p. 11).

A neologia fonológica é essencialmente rara, pois a própria língua possui mecanismos que barram o desenvolvimento deste tipo de neologia. Um significante totalmente original, em desacordo com as regras fonológicas da língua não será decodificado, não satisfazendo assim o objetivo comunicacional da língua.

Dentre os neologismos fonológicos podemos citar as onomatopeias como os casos mais bem-sucedidos, pois reproduz, através do som, características semelhantes ao seu significante, sendo claramente motivada. Há também os neologismos que utilizam recursos fonológicos como o substantivo “*tchurma*” (usado de forma coloquial), que altera o significante do habitual vocábulo “turma” e aqueles que transformam apenas graficamente a palavra, como “show” e “*xou*”, sendo este último termo usado em situações informais de interação. Podemos alterar um significante também através da relação analógica entre duas palavras, como no caso de “*bebemorar*” que resulta da associação dos verbos “beber” e “comer”.

Os neologismos sintáticos são classificados como: derivados, compostos, compostos sintagmáticos e compostos formados por sigla (acronímicos) e “ao contrário dos neologismos fonológicos, os neologismos sintáticos supõem a combinatória de elementos já existentes no sistema linguístico português” (ALVES, 1990, p. 14). Esses neologismos são assim denominados, pois:

[...] a combinação de seus membros constituintes não está circunscrita exclusivamente ao âmbito lexical (junção de um afixo a uma base), mas concerne também ao nível frásico: o acréscimo de prefixos ou de sufixos pode alterar a classe gramatical da palavra-base; a composição tem caráter coordenativo e subordinativo; os integrantes da composição sintagmática e acronímica constituem componentes frásicos com o valor de uma unidade lexical. (ALVES, 1990, p. 14)

Consideramos que, em nosso estudo, verifica-se a ocorrência de **neologismo sintático** em relação ao item lexical *hospital psiquiátrico*, pois há a formação de uma forma lexical, composta por duas palavras, com elementos previamente existentes na língua portuguesa. Também podemos atribuir ao referido item lexical um caso de **neologismo semântico**, pois, ao unir o substantivo *hospital* ao adjetivo *psiquiátrico*, um novo significado por ele representado. Propomos, de modo a corroborar nossa afirmação, uma analogia com o exemplo citado por Alves (1990, p. 64) que classifica o item lexical *surfista ferroviário* como um caso de neologismo sintático e semântico.

Cabe ressaltar, no entanto, que pressupomos aqui o neologismo de *hospital psiquiátrico* com base no léxico existente da língua portuguesa. O termo aparece, no *corpus* analisado, pela primeira vez na década de 1930 e somente uma pesquisa mais aprofundada e precisa poderia responder se, por acaso,

seu surgimento teria sido resultado de um empréstimo ou estrangeirismo⁴. Por não ser o foco principal desse estudo, trataremos o fenômeno como explicitado no parágrafo anterior.

2. Metodologia

2.1 *Corpus*

Tratando-se de um estudo lexicológico, de cunho social, a verificação de formas lexicais em uso pelos falantes de uma língua requer uma base de dados que forneça sua realização efetiva na comunidade de fala. Além disso, pelo caráter histórico da pesquisa, o *corpus* analisado deve abranger período significativo, ao longo de décadas. Adotamos, logo, os exemplares do Jornal do Brasil, outrora impressos na cidade do Rio de Janeiro, disponibilizados *online*⁵, através da Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional, pois compreendem textos desde os anos 1890 até 2010.

O *corpus* constitui-se de 200 textos jornalísticos publicados, os quais se dividem igualmente em duas faixas temporais: a primeira, entre os anos de 1930 e 1939; a segunda, entre os anos 2000 e 2009. Todas as notícias contêm o item lexical *manicômio* e/ou *hospital psiquiátrico*, objeto deste estudo. Vale ressaltar que alterações ortográficas foram realizadas, de modo que os textos da década anterior e da posterior pudessem ser analisados mais isonomicamente.

2.2 Coleta de dados

Como mencionado anteriormente, os 200 arquivos (em formato *.jpeg*) disponibilizados pela Hemeroteca Digital compõem o *corpus* desta pesquisa, sendo 100 exemplares pertencentes à década de 1930 e outros 100 à década de 2000. Tal escolha se deve pela ocorrência predominante do vocábulo *manicômio* em relação a *hospital psiquiátrico* na década anterior, contrapondo-se com a predominância inversa dos itens em questão na década posterior. O quadro a seguir ilustra essa observação, delimitando as duas sincronias a serem abordadas:

⁴ Cf. ALVES, 1990, p. 72.

⁵ Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 14 jul. 2017.

Quadro 1 – Ocorrências (números aboslutos) de *manicômio* e *hospital psiquiátrico* por décadas⁶.

	Manicômio	Hospital Psiquiátrico
1890 a 1899	11	0
1900 a 1909	125	0
1910 a 1919	110	0
1920 a 1929	196	0
1930 a 1939	327	73
1940 a 1949	156	90
1950 a 1959	262	39
1960 a 1969	218	129
1970 a 1979	524	518
1980 a 1989	461	598
1990 a 1999	424	325
2000 a 2009	345	558

Fonte: Elaboração própria.

As décadas em destaque nos parecem mais assertivas no que tange a predominância de um item lexical em relação ao outro. Enquanto na década de 1930 o emprego de *manicômio* prevalece sobre *hospital psiquiátrico* (327 contra 73 ocorrências), na década de 2000 observa-se o oposto (345 contra 558 ocorrências). Portanto, as duas sincronias destacadas se mostram mais eficazes na tentativa de explicar se há, de fato, a utilização de dois itens lexicais diferentes para designar o mesmo objeto.

Depois de delimitados os períodos, foi feita a coleta dos textos diretamente do acervo, os quais obtemos no formato de imagem. Coube-nos, portanto, a tarefa de transformá-los em arquivos de texto, a fim de contabilizar as ocorrências dos pares analisados, bem como todos os itens lexicais presentes nos respectivos textos. Para isso, utilizamos um programa de OCR⁷, acrônimo para *Optical Character Recognition* (Reconhecimento Óptico de Caracteres), ferramenta capaz de ler as imagens e convertê-las em textos de fato. Em alguns casos, porém, a leitura das imagens, principalmente aquelas da década de 1930, não se mostrou eficaz, sendo necessário digitar as informações.

Por fim, com todos os 200 textos coletados, utilizamos a ferramenta para análise linguística *AntConc*⁸ para contabilizar o número de ocorrências dos itens lexicais contidos nos textos que apresentem o termo *manicômio* ou *hospital psiquiátrico* ou ambos. Extraímos, então, as 25 palavras mais

⁶ Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 13 jul. 2017.

⁷ Programa *FineReader*. Disponível em: <https://www.abbyy.com/pt-br/>. Acesso em: 13 jul. 2017. A versão de teste foi utilizada para este estudo.

⁸ Ferramenta gratuita (versão 3.4.0). Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/software.html>. Acesso em: 13 jul. 2017.

frequentes em cada sincronia nos textos referentes aos dois termos analisados, obtendo, portanto, quatro resultados. Este trabalho é, portanto, simultaneamente, de caráter quantitativo e qualitativo.

Especial atenção foi dada à presença de polissemias dos dois termos, bem como das palavras que os acompanham nos textos. Através da ferramenta *AntConc*, analisando as ocorrências nos textos, eliminamos os termos que continham outro significado no contexto em que se inseriam. No entanto, casos de polissemia foram escassos. Da mesma forma, consideramos as palavras enquanto *lexemas*, e não *lexias*, pelos motivos a serem explicitados mais adiante. A mesma ferramenta linguística serviu de auxílio, organizando as palavras em ordem alfabética e considerando suas variações (*lexias*) como apenas um *lexema*.

3. Descrição dos dados

3.1 Os dados referentes ao par *manicômio* e *hospital psiquiátrico*

A coleta de dados, reiterando, se divide em duas partes: o agrupamento e contabilização dos textos que contêm os termos *manicômio* e *hospital psiquiátrico*; a contagem das 25 palavras mais frequentes presentes nos textos acima, nas duas sincronias estabelecidas.

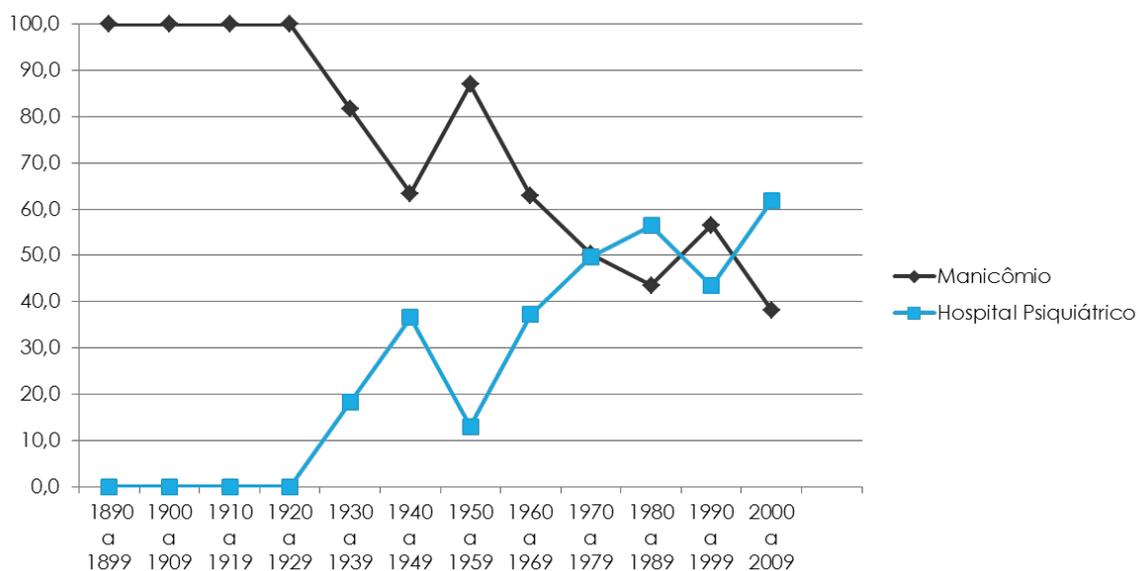
Com a ferramenta de pesquisa da página eletrônica *Hemeroteca Digital*, conseguimos visualizar as ocorrências de cada termo, em cada sincronia, durante as décadas em que o *Jornal do Brasil* se manteve em atividade. A partir desses dados, escolhemos as duas sincronias mais prováveis para demonstrar a mudança lexical que supomos. No quadro a seguir, temos os números absolutos de ocorrências nos textos do jornal, acompanhados dos números relativos que oferecem uma comparação mais delineada:

Quadro 2 – Números absolutos (à esquerda) e relativos (à direita) das ocorrências de *M* e *HP*.

	Manicômio	Hospital Psiquiátrico	Manicômio	Hospital Psiquiátrico
1890 a 1899	11	0	100,0	0,0
1900 a 1909	125	0	100,0	0,0
1910 a 1919	110	0	100,0	0,0
1920 a 1929	196	0	100,0	0,0
1930 a 1939	327	73	81,8	18,3
1940 a 1949	156	90	63,4	36,6
1950 a 1959	262	39	87,0	13,0
1960 a 1969	218	129	62,8	37,2
1970 a 1979	524	518	50,3	49,7
1980 a 1989	461	598	43,5	56,5
1990 a 1999	424	325	56,6	43,4
2000 a 2009	345	558	38,2	61,8

Fonte: Elaboração própria.

Como vemos, a primeira faixa em destaque (1930–1939) é aquela em que a proporção de ocorrências de *manicômio* é a maior de todas, pois descartamos as décadas em que o termo *hospital psiquiátrico* não aparece. Inversamente, a segunda sincronia (2000–2009) demonstra a predominância de *hospital psiquiátrico*. O gráfico abaixo ilustra, de outra forma, a frequência desses dois termos ao longo das 12 décadas:

Gráfico 1 – Números relativos das ocorrências de *manicômio* e *hospital psiquiátrico*.

Fonte: Elaboração própria.

Faz-se necessário lembrar que os dados absolutos (e, conseqüentemente, os relativos) representam o número de ocorrências dos dois termos, e não propriamente o número de textos que os contém. Logo, fizemos a contagem do número de textos apenas para verificar se a proporção dos números se mantém e, *grosso modo*, a disparidade entre o emprego dos termos em cada uma das décadas persiste:

Quadro 3 – Número de textos em contraposição ao de ocorrências (entre parênteses).

	Manicômio	Hospital Psiquiátrico
1930-39	272 (327)	71 (73)
2000-09	298 (345)	496 (558)

Fonte: Elaboração própria.

Em suma, pode-se observar claramente que há uma predileção, ao longo do tempo, de uma forma pela outra. Em todas as ocorrências, os termos não apresentam polissemia e, portanto, designam o centro de saúde onde doentes mentais recebem tratamento. Mais adiante, discutiremos esse conceito. Apresentamos, a seguir, a segunda parte da análise lexical dos textos.

3.2 – Os dados referentes a 25 palavras mais frequentes por termo analisado e sincronia

A contabilização das palavras mais frequentes que estão inseridas nos textos, nas duas sincronias, foi feita com a ferramenta linguística *AntConc*, como já mencionado. O programa distingue grafias diferentes (inclusive acentuação), o que nos levou a analisar cautelosamente, na lista de palavras em ordem alfabética, os resultados de palavras que o leitor de imagens tenha considerado como diferente, por faltar um acento, por exemplo. Além disso, já dito na seção sobre a metodologia do trabalho, questões ortográficas foram uniformizadas, de modo que, por exemplo, a palavra *hygiene* fosse representada apenas pela grafia atual, *higiene*.

A abordagem mais importante que consideramos ao analisar as palavras mais frequentes se ateuve ao tratamento dado às lexias e lexemas encontrados. Como demonstrado por Cambraia (2015), a este trabalho pareceu mais correta a lematização das ocorrências, ou seja, considerando todas as lexias de um determinado lexema como apenas um item lexical, já que o resultado final poderia ser insatisfatório do ponto de vista argumentativo.

Para ilustrar tal asserção, tomemos o lexema *psiquiátrico* como exemplo. Temos, para esse lexema, quatro lexias: *psiquiátrico*, *psiquiátrica*, *psiquiátricos*, *psiquiátricas*. Considerar relevante cada um desses itens lexicais seria, de certa forma, indevido, já que representam a mesma ideia e conceito e suas

variações são apenas de caráter concordante ao termo que se referem. Além disso, as lexias de um lexema apareceriam mais de uma vez nos quadros, tomando lugar de outro lexema interessante para a análise.

Portanto, apresentamos abaixo todas as 25 palavras mais frequentes em cada uma das sincronias (1930-1939 e 2000-2009) e para os dois agrupamentos de textos, isto é, aqueles contendo o termo *manicômio* e *hospital psiquiátrico*. Neles, expomos a posição em que cada palavra se encontra, a frequência em que aparecem nos textos e o lexema em questão:

Quadro 4 – As 25 palavras mais frequentes nos textos contendo o termo *manicômio* (1930-1939).

Pos.	Lexema	Freq.	Pos.	Lexema	Freq.
1	rua	25	14	local	9
2	polícia	19	15	morte	9
3	louco	17	16	leprosário	8
4	álcool	16	17	alcoolismo	7
5	hospital	11	18	pobre	7
6	alienado	11	19	crime	7
7	grande	11	20	suicídio	7
8	homem	10	21	demente	7
9	bebida	10	22	doente	7
10	loucura	9	23	cadáver	6
11	idade	9	24	trágico	6
12	vida	9	25	suicidar	5
13	mental	9			

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 5 – As 25 palavras mais frequentes nos textos contendo o termo *manicômio* (2000-2009).

Pos.	Lexema	Freq.	Pos.	Lexema	Freq.
1	saúde	45	14	projeto	17
2	hospital	45	15	Brasil	17
3	paciente	41	16	família	17
4	psiquiátrico	37	17	interno	16
5	peessoa	32	18	federal	16
6	mental	31	19	comissão	16
7	poder	26	20	clínica (<i>subst.</i>)	15
8	hospício	22	21	reforma	15
9	tratamento	19	22	atendimento	14
10	doença	18	23	unidade	14
11	serviço	18	24	sociedade	14
12	centro	18	25	conselho	13
13	dizer	17			

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 6 – As 25 palavras mais frequentes nos textos contendo o termo *hospital psiquiátrico* (1930-1939).

Pos.	Lexema	Freq.	Pos.	Lexema	Freq.
1	mental	19	14	mente	5
2	higiene	14	15	Justiça	5
3	professor	12	16	Governo	5
4	nacional	12	17	exonerar	5
5	rua	11	18	hospital	4
6	<u>nomear</u>	10	19	assistência	4
7	psicopata	10	20	educação	4
8	<u>enfermeira</u>	9	21	manicômio	4
9	<u>faculdade</u>	7	22	psiquiátrico	4
10	<u>senhor</u>	7	23	crime	3

11	comitê	7	24	delegacia	3
12	<u>auxiliar</u>	6	25	doente	3
13	afirmar	6			

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 7 – As 25 palavras mais frequentes nos textos contendo o termo *hospital psiquiátrico* (2000–2009).

Pos.	Lexema	Freq.	Pos.	Lexema	Freq.
1	saúde	81	14	centro	28
2	hospital	80	15	problema	26
3	poder	62	16	filho	26
4	paciente	55	17	doença	25
5	dizer	55	18	drogas	24
6	mental	47	19	médico	24
7	tratamento	43	20	interno	23
8	peessoa	38	21	jovem	23
9	família	36	22	mãe	22
10	clínica (subs.)	36	23	conselho	21
11	casa	35	24	doente	21
12	psiquiátrico	32	25	atendimento	19
13	comissão	30			

Fonte: Elaboração própria.

Dedicamos a próxima seção à análise de todos esses dados, estabelecendo comparações entre os resultados por sincronia e por termo analisado.

4. Análise dos dados

Antes de passarmos à análise dos dados de fato, introduzimos, brevemente, uma visão geral que permeia a temática central representada pelos termos *manicômio* e *hospital psiquiátrico*: a loucura. Neste trabalho, os fatores sociais e históricos são imprescindivelmente levados em consideração para justificar as escolhas de itens lexicais que se referem, de modo geral, à mesma ideia.

4.1 Questões sobre a loucura e a luta antimanicomial no Brasil

Depreende-se da obra do filósofo francês Michel Foucault, intitulada *A história da loucura na Idade Clássica* (1972 [1961]), a ideia de que alguém poderia ser considerado louco por comportamentos que, hoje, não são considerados patológicos. Esses comportamentos analisados pelo autor são referentes aos confinamentos até o século XIX que, provavelmente, ainda refletiram no século seguinte até mesmo no Brasil.

A jornalista Daniela Arbex demonstra, com seu livro *Holocausto Brasileiro* (2013), a falta de uma clara definição que poderia ser atribuída à loucura dos pacientes do chamado Colônia, o hospital psiquiátrico da cidade de Barbacena (MG). Na obra, em muitos trechos, encontramos as expressões “*considerado louco [...] inadequado [...] privado de razão [...]*”, transmitindo a ideia de que, na visão da jornalista, ressalvas deveriam ser feitas pela falta de devido reconhecimento médico e psiquiátrico sobre os internados que viviam no hospício da cidade.

Foucault relata que, no século XVIII, o confinamento de pessoas em manicômios se estendia a grupos que, na concepção social atual, não possuem sequer alguma patologia que justificasse seu internamento:

Mas nunca aconteceu de seu estatuto nelas ser claramente determinado, nem qual sentido tinha essa vizinhança que parecia atribuir uma mesma pátria aos pobres, aos desempregados, aos correccionários e aos insanos. (FOUCAULT, 1972, p. 55)

O filósofo, mais adiante, abrange os comportamentos que seriam considerados como um perigoso ou algo indesejável pela sociedade e que, portanto, aqueles que o detivessem deveriam ser privados da liberdade em nome do bem-estar social:

De fato, semelhante análise pressuporia a persistência imóvel de uma loucura já dotada de seu eterno equipamento psicológico, mas cuja verdade exigiria um longo tempo para ser isolada. Ignorada há séculos, ou pelo menos mal conhecida, a era clássica teria começado a apreendê-la de modo obscuro como desorganização da família, desordem social, perigo para o Estado. E aos poucos esta primeira percepção se teria organizado, e finalmente aperfeiçoado, numa consciência médica que teria formulado como doença da natureza aquilo que até então era reconhecido apenas como mal-estar da sociedade. (FOUCAULT, 1972, p. 91)

Embora os conceitos de Foucault, como já dito, sejam referentes aos séculos passados, podemos pressupor que tal ideia sobre a loucura perduraria até o início do século XX, período próximo à década de 1930 da qual retiramos os dados e serão analisados mais adiante. Além disso, através dos relatos de Arbex sobre a situação manicomial nas décadas de 1960 e 1970 no Brasil, notamos que ainda havia a desumanização daqueles considerados loucos e que conviviam com pessoas de comportamentos muito distintos.

Problemas como esses motivaram a chamada Luta (ou Movimento) Antimanicomial, que teve início em 1987 na cidade de Bauru, interior de São Paulo. Juntos, as unidades de serviço psiquiátrico deram início a uma campanha para um país sem manicômios, que culminaria na promulgação de uma lei de autoria do Dep. Paulo Delgado, em 2001, extinguindo os manicômios no Brasil. Parte deles ainda continuou em funcionamento, mas a grande maioria deixou de existir, dando lugar a centros de atendimento psiquiátrico que atendessem devidamente os portadores de patologias e transtornos psiquiátricos.

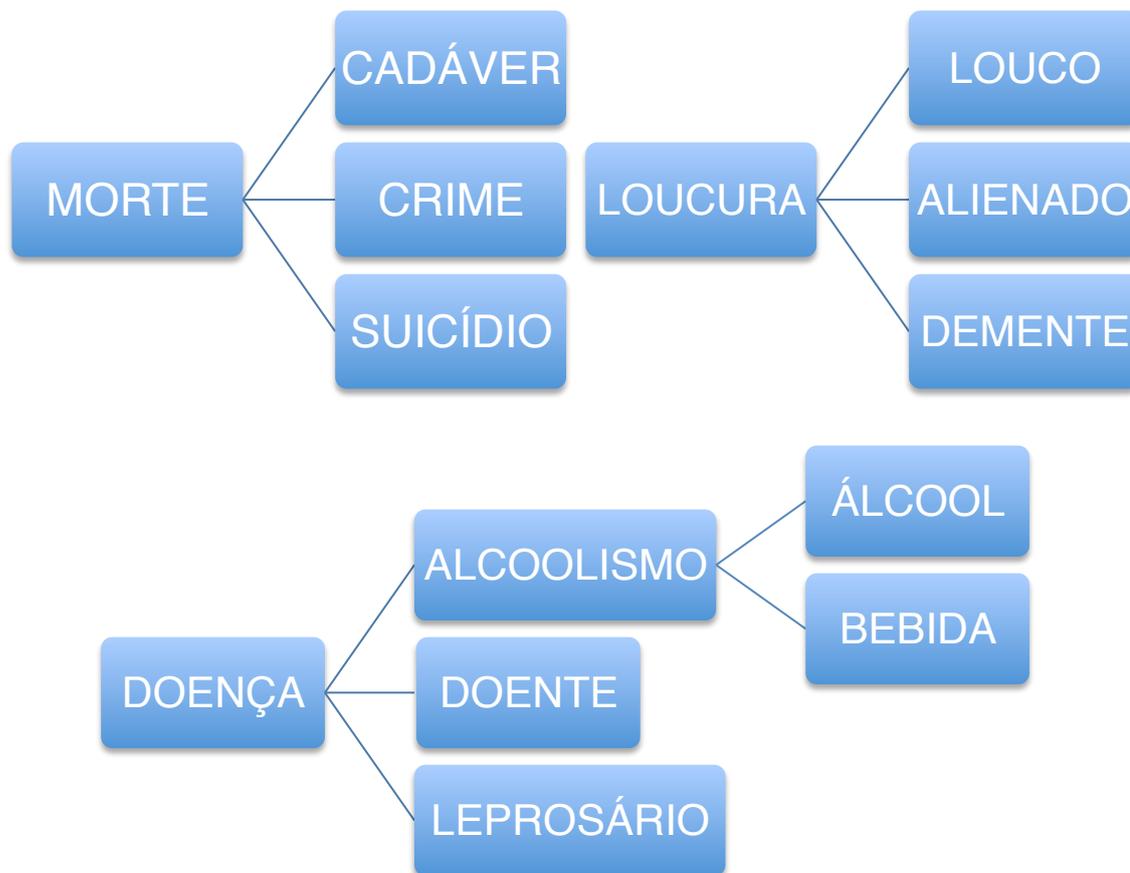
Na seção seguinte, buscaremos reflexos da visão social sobre os loucos nas duas épocas analisadas, verificando se os aspectos e as percepções sociais influenciam no emprego de um termo pelo outro ao longo do tempo, conferindo a este estudo lexical um caráter sócio-histórico.

4.2 Análise geral dos dados

4.2.1 Item lexical *manicômio* nas décadas de 1930 e 2000

Observando o Quadro 4 da seção anterior, referente à década de 1930, notamos que a maioria dos 25 itens lexicais mais frequentes, nos textos com o termo *manicômio*, expressa ideias negativas, como *louco*, *alienado*, *loucura*, *morte*, *leprosário*, *alcoolismo*, *pobre*, *crime*, *suicídio*, *demente*, *doente*, *cadáver* e *trágico*. Boa parte das notícias se encontra nas páginas policiais dos jornais, o que explica os termos *rua* e *polícia* encabeçarem as duas primeiras posições da lista. Fica explícita a associação de crimes e tragédias com *manicômio*, já que para lá iam as pessoas que cometiam delitos ou, aos olhos da sociedade, apresentavam qualquer desvio de conduta.

Adiante, reunimos algumas ocorrências de lexemas semanticamente relacionados em um organograma, de modo a ilustrar os campos nocionais mais relevantes:

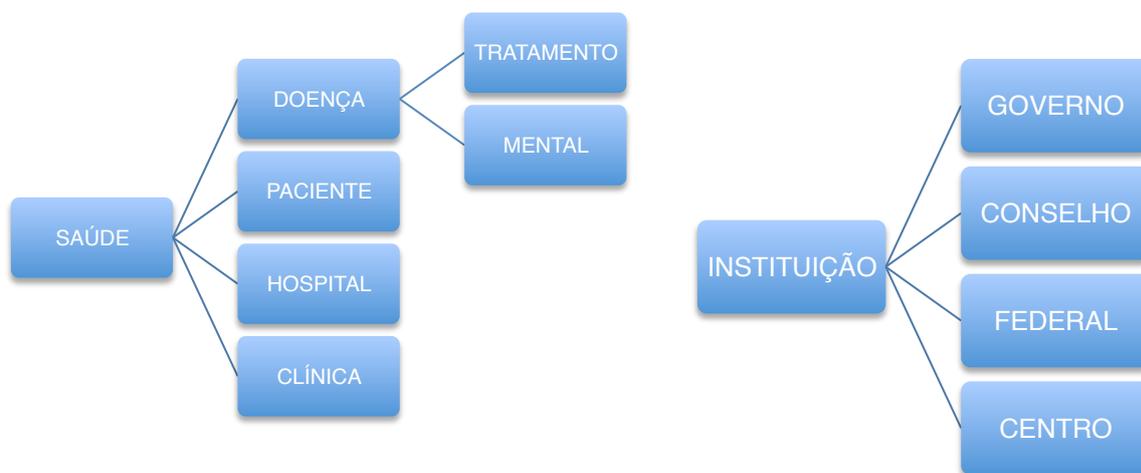
Organograma 1 – Lexemas relacionados aos textos contendo a palavra *manicômio* (1930–1939).

Fonte: Elaboração própria.

Ao manicômio, parecia pertencer desde o indivíduo que apresentava problemas mentais, como doenças (alcoolismo, lepra) e atos criminosos, corroborando com as ideias defendidas por Foucault e Arbex sobre o ambiente manicomial por eles criticado. Além disso, muitos textos apresentavam manchetes com linguagem impactante (pelo menos para nós, hoje), como “*Louco moderado mata outro esmagando-lhe o crânio com uma pedra*” e com pré-julgamento, como “*Louca morde a mãe*”, o que demonstra que o jornal expressava despreço e tratamento desumano com temas tão delicados.

Sete décadas mais tarde, as ocorrências de *manicômio* se tornam menores em relação às ocorrências de *hospital psiquiátrico*, e a negatividade expressa pelas 25 palavras mais frequentes também praticamente desaparece. Apenas a alguns itens do Quadro 5, como *doença* (posição 10) e *hospício* (posição 8), poderíamos atribuir certo valor negativo. O que vemos é uma associação a *manicômio* de palavras ligadas à esfera hospitalar-psiquiátrica e de questões institucionais, como se observa nos campos nocionais predominantes a seguir:

Organograma 2 – Lexemas relacionados aos textos contendo a palavra *manicômio* (2000–2009).



Fonte: Elaboração própria.

São vários os textos em que o uso de *manicômio* se atribuía mais a discussões sobre a existência de centros manicomial, sobre sua efetividade no tratamento psiquiátrico de seus pacientes (não mais chamados necessariamente de *doentes* ou *dementes*). Outros tratavam sobre centros de atendimento psiquiátrico, utilizando o item lexical sob um ponto de vista mais científico, cujos *pacientes* (posição 3) ou *internos* (posição 16) eram considerados mentalmente debilitados, não sendo mais associados a criminosos e acontecimentos trágicos.

Há, portanto, clara disparidade do emprego do mesmo termo em contextos diferentes, demonstrando a mudança da visão da sociedade em relação àqueles que dependem de assistência psiquiátrica por conta de suas patologias. O quadro seguinte expõe as palavras mais frequentes que estão presentes apenas em cada uma das décadas, elucidando essa mudança ao longo da história:

Quadro 8 – Palavras mais frequentes (nos textos com *manicômio*) exclusivas a cada sincronia.

Lexemas (1930–39)		Lexemas (2000–09)	
rua	leprosário	saúde	dizer
polícia	alcoolismo	hospital	projeto
louco	pobre	paciente	Brasil
álcool	crime	psiquiátrico	família
alienado	suicídio	pessoa	interno

grande	demente	doença	clínica (subs.)
homem	doente	poder	reforma
bebida	cadáver	hospício	atendimento
loucura	trágico	tratamento	unidade
idade		serviço	sociedade
vida		centro	
local		federal	
morte		comissão	

Fonte: Elaboração própria.

4.2.2 Item lexical *hospital psiquiátrico* nas décadas de 1930 e 2000

Nos textos que contêm o item lexical *hospital psiquiátrico*, há menor disparidade entre as duas sincronias, não exatamente no número de palavras exclusivas (que se mantêm parecido semelhante à quantidade verificada nas ocorrências de *manicômio*), mas em relação ao teor negativo / positivo dos itens mais frequentes.

No Quadro 6, com as 25 palavras mais frequentes na década de 1930, encontramos, primeiramente, palavras que estavam mais relacionadas a atos de governo e nomeação / exoneração de cargos e funções, que estão compreendidas principalmente entre as posições 6 e 12 da lista: *nomear*, *enfermeira*, *faculdade*, *senhor*, *auxiliar*. Mesmo quando a temática envolvia a loucura, os itens lexicais possuíam teor mais neutro ou positivo, como as duas ocorrências mais frequentes da lista: *mental* e *higiene*, geralmente encontradas juntas nos textos enquanto termo composto, *higiene mental*. No organograma, consideramos que, mesmo na década de 1930, o uso de *hospital psiquiátrico* se dava em contextos oficiais e de cunho mais científico, como se esse termo fosse de caráter mais formal em comparação a *manicômio*, de caráter mais popular.

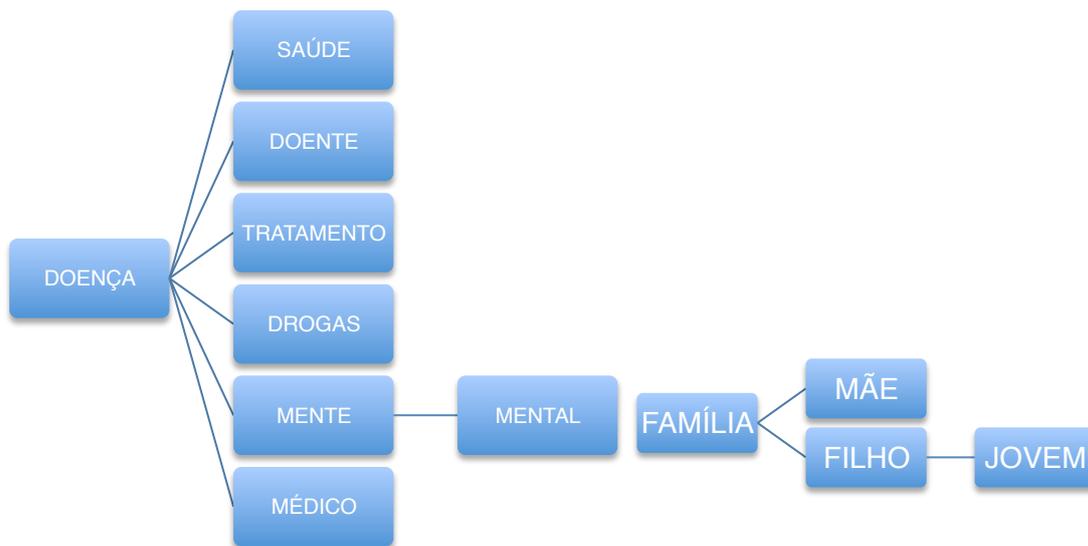
Organograma 3 – Lexemas relacionados aos textos contendo a palavra *hospital psiquiátrico* (1930-1939).

Fonte: Elaboração própria.

Já na década de 2000, devido ao uso mais restrito do item lexical *manicômio*, o termo *hospital psiquiátrico* já vem mais frequentemente acompanhado de palavras que remetem a doenças e a questões de saúde pública. O Quadro 7 apresenta, entre os 7 itens mais frequentes da lista, palavras como *saúde*, *hospital*, *paciente*, *mental* e *tratamento*. Uma novidade que aparece nessa década são os verbos *poder* e *dizer*, sendo esses provenientes de relatos de médicos e profissionais da saúde sobre as internações e tratamentos.

Quanto ao campo nocional, vemos certa semelhança com o que fora verificado na década passada. O tema *doença / saúde* se mostra mais saliente e surgem termos que se relacionam com a entidade familiar das pessoas, muitas vezes passando por problemas com drogas ou, simplesmente, porque acompanhavam de perto o tratamento psiquiátrico recebido por algum membro da família. Assim ilustramos os lexemas semanticamente relacionados na década de 2000:

Organograma 4 – Lexemas relacionados aos textos contendo a palavra *hospital psiquiátrico* (2000–2009).



Fonte: Elaboração própria.

Comparando o uso de *hospital psiquiátrico* e suas palavras mais frequentes contidas nos textos, podemos resumir que na década de 1930, o termo era empregado em contextos formais, de ações governamentais e institucionais, embora, em comum com a década mais recente, o campo nocional de doença também foi observado. No quadro adiante, porém, encontramos nessa temática o surgimento de problemas envolvendo drogas e membros da família (questões de saúde pública mais condizentes com a atualidade), cuja internação ocorre em unidades de atendimento psiquiátrico.

Quadro 9 – Palavras mais frequentes (nos textos com *hospital psiquiátrico*) exclusivas a cada sincronia.

Lexemas (1930–39)		Lexemas (2000–09)	
mental	mente	saúde	filho
higiene	Justiça	poder	doença
professor	Governo	paciente	drogas
nacional	assistência	dizer	médico
rua	educação	mental	interno
nomear	manicômio	tratamento	jovem

psicopata	exonerar	pessoa	mãe
enfermeira	crime	família	conselho
faculdade	delegacia	clínica	
senhor		casa	
auxiliar		centro	
comitê		problema	
afirmar		comissão	

Fonte: Elaboração própria.

Considerações finais

Podemos, por fim, considerar que, de fato, a escolha lexical dos pares avaliados se mostra diferente em cada sincronia e entre os termos em si. Enquanto o item lexical *manicômio*, com frequência predominante na década de 1930, estava mais associado a acontecimentos trágicos, desvios de conduta socialmente reprovados e crimes, na mesma sincronia o termo *hospital psiquiátrico* aparecia em textos de cunho predominantemente oficial e governamental, sugerindo que essa nomenclatura se atrelava mais a contextos formais. Por outro lado, *manicômio* designava o ambiente segregador que abrigava desde cometedores de crimes aos considerados “doentes mentais”.

A visão da sociedade sobre o que se considerava como loucura e a necessidade de isolamento daqueles que representavam qualquer risco à sociedade se mostrou refletida nas páginas policiais do jornal, seção que detém a maior parte dos textos contendo a palavra *manicômio*.

Com o tempo, o mesmo par de itens lexicais deixou de ser associado à violência verificada nos textos da década de 1930 e, na década de 2000, já em meio ao movimento antimanicomial no Brasil, observamos a predominância de *hospital psiquiátrico* sobre *manicômio* em números de ocorrências. Mesmo com a alta frequência de *manicômio* nas notícias veiculadas pelo jornal, a maioria dos assuntos tratados, que continham esse item lexical, diziam respeito a denúncias de instalações precárias das unidades de atendimento psiquiátrico, à discussão sobre a manutenção de centros manicomiais e, por vezes, em contextos artísticos, como resumos de filmes, reportagens sobre peças de teatro e crônicas de jornalistas. Perdeu-se, portanto, a associação de *manicômio* às questões de saúde pública e da psiquiatria no Brasil.

Os resultados do levantamento de dados também demonstraram a consolidação de *hospital psiquiátrico* como designação à instituição que oferece tratamento psiquiátrico aos portadores de doenças mentais e viciados em drogas. A predileção pelo termo, de certa forma, evidencia a mudança de visão e de sensibilidade da sociedade em relação a essas pessoas, tratadas com mais humanidade em ambientes sanitários, adequados à nova concepção sobre os problemas psiquiátricos, e consideradas passíveis de tratamento.

Referências bibliográficas

- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.
- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro: vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil**. São Paulo: Geração, 2013.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. Conceito Linguístico de Palavra. In: Basílio, M. (Ed.) **Palavra**. Departamento de Letras da PUC-Rio, 1999, p. 81-97.
- CAMBRAIA, César Nardelli. Da lexicologia social a uma lexicologia sócio-histórica: caminhos possíveis. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 157-188, jan.-jun. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.21.1.157-188>.
- CAMBRAIA, César Nardelli. Lexicologia e informação: um ensaio de quantificação. **Entretextos**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 31-52, jul.-dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/1519-5392.2015v15n2p31>.
- FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- MATORÉ, Georges. La lexicologie sociale. **L'Information Littéraire**, Paris, n. 2, mar.-abr. 1949.